

Prática de escrita e criação de novos gêneros literários: *The Spectator* (1711- 1712) e a Rede Mundial de Computadores

Writing Practice and Creation of New Literary Genres: The Spectator (1711- 1712) and the World Wide Web

Socorro de Fátima

Pacífico Barbosa

Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) | Recife | PE | BR
socorrofpb@yahoo.com.br
<https://orcid.org/0000-0002-4399-9972>

Natanael Duarte de Azevedo

Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) | Recife | PE | BR
CNPq
natanael.azevedo@ufrpe.br
<https://orcid.org/0000-0003-1435-2923>

Resumo: Há duas décadas a história da literatura brasileira investiga os jornais do século XIX ao mesmo tempo como objeto e fonte de pesquisa, graças aos pressupostos da História Cultural que compreendem a circulação da escrita literária a partir das práticas das comunidades de leitores (Chartier, 1998). Nessa perspectiva, Thérenty e Vaillant (2011 *apud* Granja, 2018) nomeiam como “era midiática” a transformação que se teria iniciado a partir de 1836, com a expansão comercial do jornal *La Presse*, comparando aquele momento com a revolução nas práticas de escrita desencadeada pela internet. Esta revolução, contudo, foi construída desde o século XVIII, a partir das mudanças implementadas pelo periódico inglês *The Spectator* (1711-1712), que introduziu práticas de escrita muito semelhantes às utilizadas atualmente no espaço virtual, perduradas por todo o século XVIII, e cujo ápice se deu no século XIX, tanto na França como em vários países da Europa e da América, incluindo o Brasil.

Palavras-chave: *The Spectator*; jornal do século XVIII; internet; História Cultural.

Abstract: For two decades, Brazilian literary history has investigated 19th-century newspapers as both an object and a source of research, grounded in the principles of Cultural History, which understand the circulation of literary writing through the practices of reading communities (Chartier, 1998). Thérenty and Vaillant (2011 *apud* Granja, 2018) label the transformation that began in 1836 with the commercial expansion of the newspaper *La Presse* as the “media age”, comparing that moment to the revolution in writing practices triggered by the Internet.



This revolution, however, had been building since the 18th century, stemming from changes implemented by the English periodical *The Spectator* (1711-1712). This publication introduced writing practices very similar to those currently used on the Internet, which persisted throughout the 18th century and reached their peak in the 19th century in France, as well as in several countries across Europe and the Americas, including Brazil.

Keywords: *The Spectator*; 18th-century newspaper; internet; Cultural History.

Introdução

Estabelecer comparação sobre práticas de ler e escrever em séculos distintos pode levar ao anacronismo, caso algumas questões não sejam devidamente pontuadas. À vista disso, o objetivo geral deste artigo é elucidar a forma revolucionária de redação adotada pelo periódico *The Spectator*¹ (1711-1712), que moldou a escrita em jornais no século XVIII e teve seu apogeu no XIX, quando observamos a semelhança com algumas formas contemporâneas de leitura e escrita escolhidas pela Rede Mundial de Computadores, daqui para a frente chamada de RMC.

Neste sentido, partimos de dois pressupostos fundamentais quais sejam: primeiro, ambos – os periódicos e a RMC – são suportes, como os concebe D. F. McKenzie (2004), o que significa que novos suportes criam novos gêneros de escrita; segundo, a revolução na escrita promovida pelo periódico *The Spectator*, assim como a da RMC, abrangeu de forma sistemática vários lugares da Europa e da América. Dizendo de outra maneira, havia um modo de escrever próprio aos periódicos, tal qual existe hoje uma escrita na RMC e que, embora tenha incorporado o suporte livro em sua escrita, o prescinde.

Até final do século XVIII, as notícias, leis e outras variedades de escritos circulavam por meio de impressos bastante variados. Assim, folhas, gazetas, papéis, diários e folhetos eram alguns dos nomes que recebiam estes objetos de leitura cujo principal objetivo era o de divulgar notícias. Em alguns casos, como em Lisboa, as gazetas circularam manuscritas (Lisboa *et al.*, 2002). Aquelas folhas, geralmente impressas *in quarto*, mesmo que originalmente destinadas à elite leitora, resultaram na construção de um novo modo de escrever que já não precisava do suporte livro, tampouco, como no caso português, da benesse de um patrono. Esses papéis também revelaram um novo modo de ler, caracterizado pela leitura oral partilhada com muitos.

¹ O periódico inglês ficou conhecido no Brasil a partir do estudo pioneiro de Pallares-Burke (1996), que demonstrou a sua influência sobre a escrita do padre Lopes Gama, editor do célebre periódico *O Carapuceiro*. A retomada de nossa investigação sobre a leitura e a escrita nos periódicos luso-brasileiros dos séculos XVIII e XIX nos levou a indagar sobre a importância do *The Spectator* na construção do que Thérenty e Vaillant (2011 *apud* Granja, 2018) consideram como sendo próprio ao jornal francês *Le Presse* e ao ano de 1836 com o início da “era midiática”.

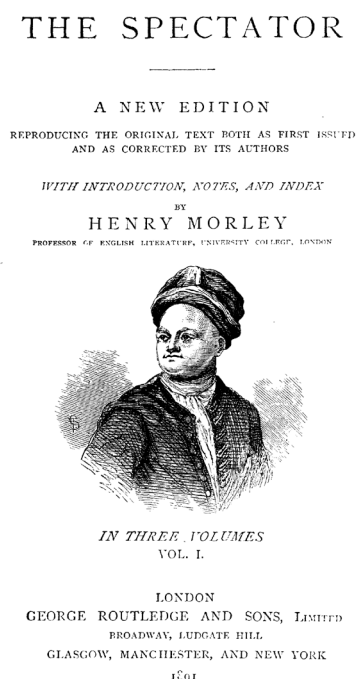
O nosso estudo considera, no intuito do marco para a revolução dos jornais no século XIX, o periódico mais famoso do Setecentos, o jornal inglês *The Spectator* – 1 de março de 1711 a 6 de dezembro de 1712 –, editado por Joseph Addison² e Richard Steele.³ Apesar de sua breve existência, o periódico conseguiu estabelecer mudanças profundas nos modos de circulação e de apropriação da cultura escrita nos séculos XVIII e XIX. Seu objetivo central era o de educar a sociedade inglesa em geral, haja vista que à época a circulação da cultura não estava centrada apenas na aristocracia, e “o progresso comercial permitiu uma participação mais ativa das classes médias na cultura, o que era visto como um meio de distinção social” (Léon, 2013, p. 132).

O jornal foi o segundo periódico diário da Inglaterra cujo sucesso extrapolou tanto as fronteiras de espaço quanto de tempo, estabelecendo novas formas de ler e de escrever. Sua circulação, para além do território inglês, deu-se a partir da sua publicação em livro. Segundo Pallares-Burke (1996), apenas no século XVIII foram 56 edições na Inglaterra, 10 na França, 2 na Alemanha e 1 na Holanda. Estes dados, contudo, podem ser atualizados com uma pesquisa na RMC onde encontramos facilmente novas edições do jornal sendo publicadas no século XIX e até mesmo no início do século XX, como se observa na figura a seguir que reproduz uma edição de 1891, publicada simultaneamente em Glasgow, Manchester e Nova York.

² Joseph Addison (nascido em 1 de maio de 1672, Milston, Wiltshire, Inglaterra – falecido em 17 de junho de 1719, Londres) foi um ensaísta, poeta e dramaturgo inglês. Seu poema sobre a Batalha de Blenheim, *A campanha* (1705), chamou a atenção dos principais Whigs (antigo partido da Inglaterra) e abriu caminho para importantes cargos governamentais (incluindo o de Secretário de Estado) e fama literária. Com Richard Steele, foi um dos principais colaboradores e o espírito norteador dos periódicos *The Tatler* (1709-1711) e *The Spectator* (1711-1712, 1714). Um dos mestres mais admirados da prosa inglesa, ele aperfeiçoou o ensaio periódico. Seu *Cato* (1713), uma peça de grande sucesso com conotações políticas, é uma das tragédias importantes do século XVIII.

³ Sir Richard Steele (nascido em 1672, Dublin, Irlanda – falecido em 1 de setembro de 1729, Carmarthen, Carmarthenshire, País de Gales) foi um jornalista, dramaturgo, ensaísta e político inglês. Iniciou sua longa amizade com Joseph Addison na escola e tentou uma carreira militar antes de se dedicar à escrita. Lançou e foi o principal autor (sob o nome de Isaac Bickerstaff) do periódico de ensaios *The Tatler* (abril de 1709 a janeiro de 1711), no qual criou a mistura de entretenimento e instrução sobre boas maneiras e moral que ele e Addison aperfeiçoariam em *The Spectator*. Seu estilo de escrita atraente, muitas vezes casual, era um contraste perfeito para a prosa mais comedida e erudita de Addison. Posteriormente, empreendeu muitas aventuras no jornalismo, algumas politicamente partidárias, e ocupou vários cargos governamentais. Em 1714, tornou-se diretor do Drury Lane Theatre, onde produziu *The Conscious Lovers* (1723), uma das peças mais populares do século e talvez o melhor exemplo de comédia sentimental inglesa.

Figura 1 – Edição dos 3 volumes, publicados em Glasgow, Manchester e Nova York em 1891.

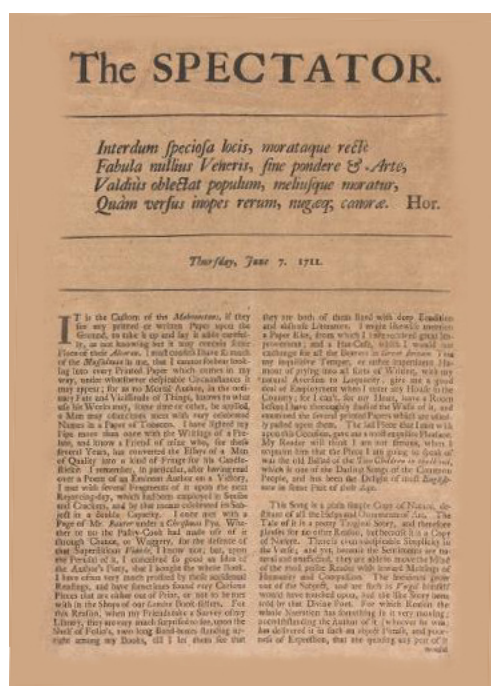


Fonte: Projeto..., 2004⁴

No Brasil, Pallares-Burke (1996) foi quem primeiro identificou a influência do periódico inglês no jornalismo do século XIX, quando percebeu que o Padre Lopes Gama, editor do jornal *O Carapuceiro* (1832-1847), adaptou várias das cartas ao ambiente brasileiro. Seguindo os passos de Pallares-Burke, Santos (2013), ao analisar a representação da mulher nas cartas do jornal pernambucano, adaptadas de *The Spectator*, conclui que nem todas que foram assinadas por mulheres ou com temas femininos partiram necessariamente de uma mulher, haja vista os protocolos da escrita epistolar da época. Entre estes, encontra-se o conceito de persona, ou máscara, utilizada pelo escritor para a representação de certos personagens, a exemplo do papel de uma mulher para abordar certos temas femininos.

⁴ O Projeto Gutenberg autoriza a reprodução do conteúdo.

Figura 2 – *The Spectator*, 1711



Fonte: The Spectator..., 2007

Com efeito, ao adaptar as cartas para o público e o leitor brasileiros, Lopes Gama exerce uma das práticas instituídas pelo próprio jornal *The Spectator*, que consistia na adaptação, reformulação, mudança de gênero e no anonimato. O que importa, contudo, é observar como as práticas de escrita e de circulação da cultura nos jornais dos séculos XVIII e XIX foram lançadas por este periódico a ponto de se transformar no modelo a ser seguido por grande parte dos jornais da Europa e da América.

Para defender que o jornal *The Spectator*, uma produção de início da primeira década do século XVIII, instituiu os modos de escrita que vigorariam nos jornais e periódicos até fins do século XIX e que também se assemelham aqueles da RMC, tomamos por base a premissa de Chartier (2012, p. 266) segundo a qual, nesta época, prevalecia uma outra ordem de discurso em que não vigorava ainda a “individualização da escrita, a originalidade das obras e a canonização do autor”.

Em 2013, a Universidade de New Jersey lança o *The Spectator Project* um estudo de hipermídia interativo, com os jornais *The Tatler* (1709-1711) e *The Spectator* (1711-1714), no intuito de mapear e criar hiperlinks de periódicos do século XVIII que, total ou parcialmente, reproduziram na Europa e na América partes dos jornais, seja através da imitação, da cópia, do estilo ou do conteúdo. Ora, pelo visto, o Padre Lopes Gama não foi o único a se apropriar do estilo e dos escritos do jornal inglês que, por sua vez, também usou com muita frequência a cópia, a apropriação, a tradução e a adaptação como prática de escrita. No Brasil, ainda está por se fazer uma investigação que reconheça a presença do *The Spectator* nos escritos de jornais e periódicos.

Isso posto, passamos a discutir todas as práticas levadas a cabo pela escrita do periódico *The Spectator*.⁵

⁵ Hunt (1850), o autor do termo “quarto poder” para o jornalismo, defende que *The Spectator*, junto a outros jornais, embora fosse na época considerado como jornal por algumas de suas características, em 1850, não poderia ser denominado como tal.

A revolução do jornal *The Spectator*

As práticas desse periódico contribuíram para uma difusão da cultura escrita muito próxima da que temos atualmente na RMC. A primeira prática refere-se à modificação ou criação de novos gêneros e diz respeito à transformação do conteúdo do jornal em um manual de código de conduta e de civilidade. Estes códigos foram comuns desde a Idade Antiga e circularam por séculos,⁶ sejam impressos ou escritos a mão. Segundo Pilla (2003, p. 10), a partir do século XVI, a nova aristocracia era “formada por pessoas de origens sociais diversas, que exigia”, por isso, “a necessidade de códigos que retratassem um comportamento social mais uniforme, principalmente no intuito de garantir as insígnias de uma classe”. Muito embora não haja estudos sobre os códigos de conduta ingleses e as traduções dos que circularam na primeira década do Setecentos na Inglaterra, é possível afirmar que o periódico de Alisson e Steel traz para um outro suporte o que costumava ser publicado apenas em livro: o jornal lançava as bases para o papel principal deste suporte em vários países da Europa e da América, tendo, portanto, o dever de educar e civilizar, aos modos horacianos do Instruir e Deleitar:

Já que conquistei um público tão numeroso, não pouparei esforços para tornar sua *instrução agradável e sua diversão útil*. Por essas razões, me esforçarei para animar a *moralidade com o humor e temperar o humor com a moralidade*, para que meus leitores possam, se possível, encontrar explicação para ambos os caminhos na especulação do dia. E para que sua virtude e discrição não sejam breves, transitórias e intermitentes (Addison; Steele, 1711, n. 10, grifos próprios, tradução própria).⁷

Tomamos a premissa de D. F. McKenzie (2004), segundo a qual os gêneros novos nascem ou se transformam pela exigência dos novos leitores e das formas tipográficas que lhes informam, para afirmar que criar novos gêneros se tornou uma das prerrogativas do suporte periódico, procedimento também adotado pela RMC. Tomemos como exemplo o caso do “continua”, conhecido por estudiosos brasileiros como tendo sido criado a partir do romance em folhetins da França.

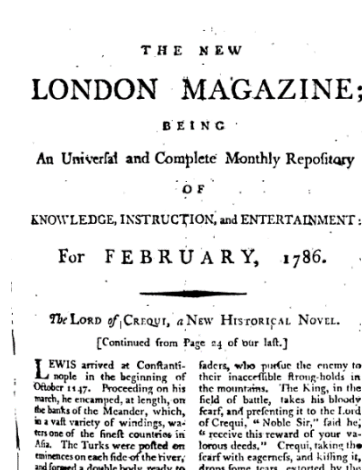
A carta, conforme já observamos, pode ser considerada a base da maioria dos conteúdos do jornal inglês. Ao garantir a vários leitores a publicação de suas missivas no periódico,

⁶ Desde a Antiguidade grega existia um tipo de literatura pedagógica que visava ensinar “bons modos”. Preceitos como os de temperança, sobriedade e sociabilidade, já estavam presentes nos “Versos dourados”, de Sólon e Pitágoras; no “De Officiis”, de Cícero; e no “Tratado da educação da juventude”, de Plutarco. Sem falar nos famosos dísticos da Escola de Salerno, que foram muito difundidos na Idade Média e mesmo durante a Renascença. Dentre as obras que circulavam a partir do século XIII na Europa podemos citar um manual atribuído ao velho Catão, chamado simplesmente de “Catão”, que parece ter tido um papel bastante importante devido ao número de obras que irão imitá-lo mais tarde; “El libro del infante”, uma coletânea de preceitos religiosos e morais escrita em espanhol, no século XIV, pelo príncipe don Juan Manuel; um tratado em latim, o “De Educatione Liberorum et Eorum Claris Moribus Libri Sex”, de Maffeo Vegio, que data do século XV; em francês, o “doctrinal du Temps Présent”, mais conhecido como “Doctrinal de Court”, em que o poeta Pierre Michault narra, sob forma satírica, a maior parte dos costumes do século XV (Pilla, 2003, p. 8).

⁷ “Since I have raised to myself so great an Audience, I shall spare no Pains to make their Instruction agreeable, and their Diversion useful. For which Reasons I shall endeavour to enliven Morality with Wit, and to temper Wit with Morality, that my Readers may, if possible, both Ways find their account in the Speculation of the Day. And to the End that their Virtue and Discretion may not be short transient intermitting Starts of Thought, I have resolved to refresh their Memories from Day to Day, till I have recovered them out of that desperate State of Vice and Folly, into which the Age is fallen”.

Addison e Steele (1711/1714) possibilitaram o “continua” das narrativas de ficção, uma vez que um leitor sempre respondia a outro, ou até mesmo continuava a discussão do assunto em outro número, com outra carta. Algumas vezes era o próprio Mr. Spectator quem as respondia: “Meu leitor descobrirá que este artigo foi concebido para responder a uma multidão de correspondentes; mas espero que ele me perdoe se eu destacar um deles em particular, que me fez um pedido tão humilde que não posso deixar de atendê-lo” (Addison; Steele, 1711, n. 16, tradução própria).⁸ Desta forma, é possível afirmar que o uso da publicação “em fatias” – como a chamou Meyer (1994) que não teve a oportunidade de pesquisar os jornais ingleses – não é uma “invenção” do romance francês do século XIX, haja vista também ser possível encontrá-la em outro jornal inglês. Trata-se de uma adaptação⁹ do romance histórico francês, *The Lord of Crequi, a New Historical Novel*, de d’Arnaud, publicado no *The New London Magazine* (1786, p. 187), que tem início no número de janeiro (1786, p. 19) e só irá terminar em abril do mesmo ano.

Figura 3 – *The New London Magazine* (1786)



Fonte: The New, 1786

Do exposto, podemos perceber na origem dos romances em folhetins a sua relação com a prática dialógica, observada na escrita epistolar do *The Spectator*. Da mesma forma, é possível concordar com Lima Sobrinho (1960) quando afirma que o conto tem sua origem no suporte jornal, criado a partir do que a Retórica chama de *dissimulação* (Lausberg, 1972). Essa regra, própria da arte de escrever em periódicos, inclui também o anonimato, as adaptações e as contrafações, todas práticas de escrita encontradas tanto nos jornais dos séculos XVIII e XIX, quanto na atual RMC. Visto desta maneira, o jornal do século XVIII foi responsável não só pela criação de novos gêneros, como por novas formas de ler e de escrever: em romance em folhetim, *blogs*, *e-mail*, *e-book*, prosa poética etc.

⁸ “This Paper my Reader will find was intended for an answer to a Multitude of Correspondents; but I hope he will pardon me if I single out one of them in particular, who has made me so very humble a Request, that I cannot forbear complying with it”.

⁹ Defendemos que seja uma adaptação, porque no exemplar das obras completas do autor, o título *Le sire de Créqui* (1776) é publicado no volume das Novelas Históricas, cujo tomo primeiro contém três títulos, *Le sire* e outros dois. Abaixo desta informação há uma nota informando que “Cada volume das novelas históricas será composta de três novelas; aquele que inicia o segundo volume aparecerá em breve” (D’Arnaud, 1776, n. p.).

É possível afirmar que o usuário da RMC pode reconhecer cada um desses processos naquilo que lhe chega seja pelas redes sociais, seja através de e-mail ou via navegação em sites e *blogs*; são textos sem ou com falsa designação de autoria, assim como textos cujo gênero foi transformado em outro, além de novos gêneros, como o *fanfiction*,¹⁰ por exemplo. A título de ilustração, trazemos o suposto “poema” do Padre Antônio Vieira, “O amor fino”,¹¹ reproduzido e até mesmo analisado por um número variado de autores de *blogs*. Ora, como se sabe, o padre não escreveu poesias e a referência de que o trecho do poema foi retirado dos seus sermões não se sustenta. Como se observa, aqui temos ao mesmo tempo uma suposta modificação de gênero – que teria transformado um Sermão em poesia – ao mesmo tempo que se atribui a Vieira uma autoria que não é sua. Outro exemplo clássico dos tempos atuais é a falsa atribuição de um variado número de textos ao escritor Luís Fernando Veríssimo. O *blog Recanto das Letras* possui uma página em que se encontram listados vinte e um títulos falsamente atribuídos ao escritor e pelo menos uns quarenta que circulam sem autoria. Sim, no suporte jornal nos séculos XVIII e XIX, o sucesso de um escrito não estava atrelado a qualquer autoria.

Conforme foi afirmado anteriormente, observa-se em ambos os suportes o que Chartier (2012, p. 267) identificou como próprio dos escritos dos séculos XVIII e XIX, nos quais não vigoravam ainda a “individualização da escrita, a originalidade das obras e a canonização do autor”. Assim, unir escritos de autoria diversa e mudar o gênero de obras antigas se constituía e se constitui como modo de escrever próprio aos jornais dos séculos XVIII e XIX e à RMC.

Um exemplo clássico desta prática de criar novos gêneros, a partir da apropriação de histórias para modificá-las, pode ser observado no número 11 de *The Spectator*, no qual Richard Steele cria uma personagem, Arietta, para discutir a constância feminina no amor. Seu oponente é um amigo falador que, para acusar a mulher de ser inconstante no amor, reforçava seus argumentos citando peças e canções com alusões à leviandade das mulheres. Ao que a mulher responde:

Vocês, homens, são escritores e podem representar as mulheres como indecorosas o quanto quiserem em suas obras, enquanto não formos capazes de retribuir a injúria. Você observa duas ou três vezes em seu discurso que a hipocrisia é o próprio fundamento de nossa educação; e que a capacidade de dissimular nossas afeições é parte declarada de nossa criação. Essas e outras reflexões estão espalhadas por toda a literatura de todas as épocas [...] (Addison; Steele, 1711, n. 11, tradução própria).¹²

¹⁰ “Fanfic é uma prática de escrita muito utilizada nos últimos anos por fãs de grandes obras consagradas, seja do ramo literário ou até mesmo do cinema e da música. O que no início parecia apenas uma ‘brincadeira’ literária para que os fãs de grandes obras interagissem entre si, virou, na verdade, um mercado importante que passou a dar visibilidade para novos autores e obras de sucesso como *Cinquenta tons de cinza*, por exemplo” (Viseu, 2015, n. p.)

¹¹ “O amor fino. // O amor fino não busca causa nem fruto. Se amo, porque me amam, tem o amor causa; se amo, para que me amem, tem fruto: e amor fino não há de ter porquê nem para quê. Se amo, porque me amam, é obrigação, faço o que devo: se amo, para que me amem, é negociação, busco o que desejo. Pois como há de amar o amor para ser fino? *Amo, quia amo; amo, ut amem*: amo, porque amo, e amo para amar. Quem ama porque o amam é agradecido. quem ama, para que o amem, é interesseiro: quem ama, não porque o amam, nem para que o amem, só esse é fino” (Vieira, 1645, n. p.).

¹² “You Men are Writers, and can represent us Women as Unbecoming as you please in your Works, while we are unable to return the Injury. You have twice or thrice observed in your Discourse, that Hypocrisy is the very Foundation of our Education; and that an Ability to dissemble our affections, is a professed Part of our Breeding. These, and such other Reflections, are sprinkled up and down the Writings of all Ages [...]”.

A fim de se contrapor ao discurso do rapaz, a correspondente Arietta toma como exemplo de mulher a personagem do relato de viagem em *A True and Exact History of the Island of Barbados*, Yarico. Essas histórias se constituíram como um gênero de muito sucesso no século XVII. O título em análise, publicado em 1657, conta a história de um comerciante inglês, Mr. Thomas Inkle, que viaja para a América e acaba por se relacionar com uma nativa, Yarico. Para seduzi-la, Inkle promete levá-la para seu país, onde lhe ofereceria todo o conforto e luxo. Contudo, ao chegar em Barbados, um território inglês, Inkle se cansa de Yarico e, arrependido da promessa, a vende como escrava a um mercador. Ao fim do século XVIII, a história é transformada em uma ópera cômica, cujo libreto é escrito por George Colman, que passa a ser considerado o seu autor.

Note-se que em ambas as histórias a noção de plágio é alheia à escrita daquele tempo e que os exemplos revelam como ocorria o processo de apropriação, autoria e mudança de gênero no século XVIII, prática exercida basicamente pelos jornais de várias partes da Europa. Outro exemplo deste processo pode ser encontrado na parte inferior do número de janeiro do *The New London Magazine* (1786, p. 12), em que se encontra a seguinte prosa “The extraordinary history of Don Juan, a Portuguese Gentleman”. É impossível saber a quantidade de versões, adaptações e traduções pelas quais a lenda de D. Juan passou até chegar a ser publicada como narrativa portuguesa. A maioria dos estudiosos afirma ter sido a lenda de D. Juan registrada pela primeira vez como *El burlador de Sevilla y convidado de piedra* (*O trapaceio de Sevilha e o convidado de pedra*), entre 1620 até 1635, por Tirso de Molina. Contudo, a depender das fontes, existem outros registros de que seja conhecida na Espanha desde 1615.¹³

Contudo, é no primeiro número de *The Spectator* que temos o que pode ser considerada a grande revolução na escrita do Século XVIII na Inglaterra,¹⁴ ao mesmo tempo que observamos o processo de escrita dos periódicos do Setecentos e Oitocentos, muito próxima daqueles com que convivemos atualmente na RMC. Vejamos a segunda e revolucionária prática que consiste em usar o leitor como escritor ao solicitar a sua colaboração para o jornal: “No entanto, como meus amigos me contrataram para ficar na frente (das publicações do jornal), aqueles que desejam se corresponder comigo podem enviar suas Cartas ao *The Spectator*, na casa do Sr. Buckley, em Little Britain” (Addison; Steele, 1711, n. 1, tradução própria).¹⁵ Esta prática foi constante em todo o século XVIII nos jornais da Inglaterra e penetrou de forma vigorosa no século XIX, em várias partes da Europa e da América.

Observa-se que a solicitação do Sr. Spectator é por um gênero específico de contribuição: a carta.¹⁶ Por que este gênero e não outro? Porque a carta ou correspondência é um dos gêneros fundadores da escrita em jornais e periódicos e, apesar disto, tem sua importância pouco considerada pelos historiadores. Na Inglaterra, o comércio de notícias era originalmente feito por meio das cartas manuscritas que circulavam entre as cidades inglesas através dos correspondentes, antes mesmo dos jornais impressos. Essas cartas manuscritas tiveram tal rele-

¹³ A maioria dos estudiosos afirma ter sido a lenda de D. Juan registrada pela primeira vez como *El burlador de Sevilla y convidado de piedra* (*O trapaceio de Sevilha e o convidado de pedra*), entre 1620 até 1635, por Tirso de Molina. Contudo, a depender das fontes, existem outros registros de que seja conhecida em Espanha desde 1615.

¹⁴ Estamos limitando esta prática à Inglaterra porque não conhecemos os periódicos do Século XVIII de outros países, a exceção dos de Portugal, Brasil e alguns dos EUA.

¹⁵ “However, as my Friends have engaged me to stand in the Front, those who have a mind to correspond with me, may direct their Letters To the Spectator, at Mr. Buckley’s, in Little Britain”. Endereço da casa impressora do jornal.

¹⁶ A colaboração dos leitores, entretanto, não se limitou a cartas. No n. 488, de 19/09/1712, um leitor escreve uma carta solicitando que Mr. Spectator publique um epigrama relacionado ao jornal.

vância que, mesmo após o jornal impresso, ainda assim eram impressas em caracteres e em papel de cartas para imitar uma escrita comum, em que um fragmento era deixado em branco para ser preenchido pelo comprador antes de ser despachado pelo correio (Hunt, 1850, p. 166).

Antes de analisar a prática epistolar em jornais e periódicos devemos considerar, primeiro, que no século XVIII a escrita era regrada e as cartas seguiam as regras da *ars dictaminis*;¹⁷ segundo, devemos identificar os protocolos de escrita e de leitura da carta no suporte jornal, que variou do século XVII ao XIX. Na Inglaterra, assim como em outras partes da Europa, circularam os Secretários, ou livros que ensinavam e sugeriam através de vários modelos como escrever cartas em várias ocasiões. Um dos mais famosos desses manuais é o livro *The Secretary's Guide* (1719), o qual ensina a escrever vários tipos de cartas e traz exemplos quer sejam de cartas de negócios quer para qualquer ocasião, como morte, nascimento, noivado etc. Nesse aspecto, é interessante observar como as cartas de *The Spectator* não seguem os modelos de escrita, sempre carregadas de ironia e tom jocoso, o que revela seu caráter inovador e revolucionário.

Assim sendo, se por um lado alguma das premissas quase universais sobre a prática epistolar aplicam-se a este objeto, por outro, quando se trata do contexto jornalístico, principalmente no que concerne aos usos, às apropriações e representações (Chartier, 1998), pode-se afirmar que a carta no jornal elabora outros protocolos que passamos a nomear:

- 1 a escrita da carta no jornal não se constituía como prática privada de escrita, mas como atividade socialmente extensiva;¹⁸
- 2 a sua leitura era partilhada não com os ausentes, mas por aqueles que se presentificavam na partilha da comunidade de leitores de determinado periódico;
- 3 os seus “autores” poderiam ser pessoas ou apenas um modo de encenar *personas* diversas que, através da alegoria, iriam personificar papéis e ideias.

Acreditamos que no caso de *The Spectator* muitas das centenas das cartas supostamente escritas por seus leitores tinham como objetivo garantir individualidade aos assuntos nelas apresentados, ao mesmo tempo que possibilitava diferentes pontos de vista, na defesa da argumentação dos temas abordados. Dessa forma, devemos pensar que nos jornais, tal qual um palco, se evidenciava uma batalha de discursos (Conway, 2006), de várias vozes, em que o leitor é ao mesmo tempo o leitor/escritor a ser convencido, educado, instruído, elogiado, julgado, atacado e, enfim, modulado pelo fundo discursivo dos gêneros, como a ideia do útil e do inconveniente ao bem público, à ordem social e à política. Esta prática de fazer dos periódicos palco de lutas e batalhas verbais é testemunhada pelo narrador, conforme representada pelo Sr. Spectator, na longa passagem a seguir:

¹⁷ Arte de redigir documentos ou cartas. Trata-se de um conjunto de regras práticas, sistematizadas, para esta-tuir a redacção de um texto formal, de carácter administrativo, segundo uma prática ligada ao estudo da retórica, tal como este estudo estava estabelecido na Idade Média. De notar que a prática de *dictare* se refere, em aplicação rigorosa à literatura, à arte de *escrever obras poéticas*, o que é testemunhado pelo uso que Dante faz do termo *dictador*, referindo-se aos poetas trovadores (Ceia, 2025).

¹⁸ Como exemplo temos algumas cartas do periódico *A Marmota Fluminense*, em que as cartas eram muitas vezes tomadas como crônica de viagem e até mesmo como ostentação das famílias abastadas. Esta prática, contudo, não se restringia ao *Marmota Fluminense*, como observa Farias (2016, p. 93), “folheando os periódicos do século XIX, percebe-se que essa prática era costumeiras e acontecia de duas formas: alguém, em plena viagem, mandava uma carta que, na verdade, era uma espécie de crônica de viagem, direcionada à revista ou ao jornal, cartas direcionadas a parentes que iam parar nas páginas dos periódicos”.

devo dedicar-me aos meus correspondentes partidários, que estão constantemente me provocando para que eu conheça os procedimentos uns dos outros. Quantas vezes sou questionado por ambos os lados se me é possível ser um espectador imparcial frente às trapaças cometidas pelo partido oposto àquele que escreve a carta? Há cerca de dois dias, fui repreendido por uma antiga lei grega que proíbe qualquer homem de se apresentar como neutro ou observador nas divisões de seu país. No entanto, como estou muito ciente de que meu artigo perderia todo o seu efeito se incorresse em ultrajes de um partido, tomarei cuidado para me manter afastado de tudo que pareça assim. Se eu puder, de alguma forma, apaziguar inflamações privadas ou apaziguar agitações públicas, dedicar-me-ei a isso com o máximo de meus esforços (Addison; Steele, 1711, n. 16, tradução própria).¹⁹

Do exposto, consideramos que a escrita epistolar em *The Spectator*, performada por “correspondentes” que representavam pessoas, ou personagens, também contribuiu para o nascimento da prosa de ficção. É exatamente esta mescla de ficção, individualidade e humor o que leva *The Spectator* por vezes a ser “considerado o precursor do romance inglês no século XVIII”, haja vista a sua “estrutura funcional” que “passou a servir como um microcosmo social dentro do qual se podia expressar um tom ao mesmo tempo grave, bem-humorado e flexível” (The Spectator British Periodical, 2025).

Sobre o exposto, Silva (2021) considera como “estratégias novelísticas” alguns aspectos pontuais, tais como a “alternância de personagens”, ao trazê-los nos ensaios/cartas, a retomada de assuntos já abordados em números anteriores, bem como o fato de incluir novas histórias. E acrescenta:

Notemos que as ambiguidades da “novidade” também se encontram inscritas no conceito coetâneo de novel, quer dizer, no gênero do romance realista, que muitas vezes assumiu o aspecto de testemunho verídico na primeira pessoa, ou seja, de autobiografia ficcional, como se verifica em Daniel Defoe, e de coletânea de documentos autênticos, como ocorre com o romance epistolar, de que é exemplo a obra de Samuel Richardson (Silva, 2021, p. 15).

Assim, o jornal inglês inaugura uma nova pragmática, na medida em que o leitor era também o escritor provando ao mesmo tempo que “a recepção também inventa, desloca e distorce” (Chartier, 1998, p. 9, 17).

Em seu clássico *A ascensão do romance* (2005), Ian Watt defende ter sido a individualização ou o individualismo um dos elementos fundamentais para o surgimento do romance. Contudo, no que concerne às cartas, observa-se que o crítico na discussão pioneira acerca do romance epistolar, *Pamela*, não considera a correspondência do jornal inglês como precursora do romance inglês, muito embora essas tenham oferecido as características que deram feição ao que Watt chama de “realismo”: “o enredo envolveria pessoas específicas em circunstâncias

¹⁹ “In the next Place I must apply my self to my Party-Correspondents, who are continually teasing me to take Notice of one anothers Proceedings. How often am I asked by both Sides, if it is possible for me to be an unconcerned Spectator of the Rogueries that are committed by the Party which is opposite to him that writes the Letter. About two Days since I was reproached with an old Grecian Law, that forbids any Man to stand as a Neuter or a Looker-on in the Divisions of his Country. However, as I am very sensible my5 Paper would lose its whole Effect, should it run into the Outrages of a Party, I shall take Care to keep clear of every thing which looks that Way. If I can any way assuage private Inflammations, or allay publick Ferments, I shall apply my self to it with my utmost Endeavours”.

específicas, e não, como fora usual no passado, tipos humanos genéricos atuando num cenário basicamente determinado pela convenção literária adequada”(Watt, 2005, p. 17).

Ademais, além dos citados acima, pelo menos outros dois aspectos conferem ao jornal *The Spectator* este papel de precursor da prosa de ficção:

- 1 do personagem Sr. Spectator, um homem que vive como espectador da vida, cujas qualidades ironizam o que em prática seriam as matérias dos jornais:

Assim, vivo no mundo, mais como um espectador da humanidade do que como um da espécie; por meio disso, tornei-me um estadista, soldado, comerciante e artesão especulativo, sem jamais interferir em qualquer aspecto prático da vida. Sou muito versado na teoria de um marido ou pai, e consigo discernir os erros na economia, nos negócios e na diversão dos outros, melhor do que aqueles que se dedicam a eles; assim como os espectadores descobrem manchas que tendem a escapar aqueles que estão no jogo (Addison; Steele, 1711, n. 1, tradução própria);²⁰

- 2 de um “conselho editorial”, chamado de Clube, com vários representantes imaginários da sociedade inglesa cujo principal propósito era o de concordar com as ideias do personagem Sr. Spectator. Esses “membros” do Clube incluíam representantes do comércio, do exército, da cidade (respectivamente, Sir Andrew Freeport, Capitão Sentry e Will Honeycomb) e da nobreza rural (Sir Roger de Coverley). Os jornais eram ostensivamente escritos pelo Sr. Spectator, um “observador” da cena londrina que “ambicionaria que dissessem de mim que tirei a Filosofia dos Armários e Bibliotecas, Escolas e Faculdades, para habitar em Clubes e Assembleias, em Mesas de Chá e em Cafés” (Addison; Steele, 1711, n. 10, tradução própria),²¹ assim como foi dito de Sócrates, como ele trouxe a Filosofia do Céu para habitar entre os Homens;
- 3 Desta forma, além de favorecer a suposta participação popular, representada tanto pelos membros do clube como por todas as classes e camadas retratadas na escrita das cartas, *The Spectator* possibilitou que o cotidiano e os assuntos banais do dia a dia fossem matéria importante ao lado dos chamados temas “superiores” como a filosofia, a literatura e outros gêneros tradicionais do discurso. Sobre o Clube e o Sr. Spectator, Silva (2021, p. 14) chama a atenção sobre o seu caráter metalinguístico, responsável, em certa ordem, pelo nascimento do “jornalismo literário”, uma vez que esse não representa apenas uma “ficção da contemporaneidade”, mas é “também uma ficção da própria ideia de um jornal. O clube encarna um aparato editorial e implica a recolha de a seleção da informação [...]”.

Passemos ao uso do anonimato, a quarta prática promovida pelo periódico inglês que iria penetrar no século seguinte, qual seja, a da assinatura por iniciais, uma maneira recorrente de se escrever nos jornais, como é de conhecimento de qualquer estudioso da literatura brasi-

²⁰ “Thus I live in the World, rather as a Spectator of Mankind, than as one of the Species; by which means I have made my self a Speculative Statesman, Soldier, Merchant, and Artizan, without ever meddling with any Practical Part in Life. I am very well versed in the Theory of an Husband, or a Father, and can discern the Errors in the Economy, Business, and Diversion of others, better than those who are engaged in them; as Standers-by discover Blots, which are apt to escape those who are in the Game”.

²¹ “and I shall be ambitious to have it said of me, that I have brought Philosophy out of Closets and Libraries, Schools and Colleges, to dwell in Clubs and Assemblies, at Tea-tables, and in Coffee-houses”.

leira do século XIX. Já é lugar-comum o conhecimento dos pseudônimos dos famosos escritores José de Alencar e Machado de Assis: o primeiro utilizou os pseudônimos Ig, Erasmo, Sênio, Job, Um Asno, e G.M; o segundo, publicou com diversos pseudônimos ao longo de sua carreira, como Boas Noites, Víctor de Paula, João das Regras, Dr. Semana e M-as. A propósito, a utilização dos pseudônimos se tornou um problema de ordem bibliográfico, uma vez que muitos autores foram apagados da história da literatura. Sacramento Blake (1970, p. IV), na introdução do terceiro volume do seu dicionário, reclama: “E no estudo penosíssimo, a que me tenho dado, que imensidade de trabalhos possuo de autores brasileiros, que não posso contemplar no meu livro, porque esses trabalhos são publicados sob o anônimo, ou são assinados por pseudônimos, ou somente pelos apelidos ou por um título de autor”. Hoje, a prática do perfil falso é recorrente e motor nos posts das redes sociais sendo, portanto, dispensável a utilização de exemplos.

Face ao apresentado, a maior contribuição do jornal *The Spectator* tanto para o romance como para a escrita jornalística do século XIX pode ser observada na forma como inaugurou algo que Watt (2005) atribuiu apenas aos romancistas: “[...] um problema menor, porém não desprovido de importância, na elaboração de um romance: escolher nomes sutilmente adequados e sugestivos, ainda que pareçam banais e realistas”. A prova disso é que alguns autores das cartas de *The Spectator* assinam apenas com as iniciais; outros têm nomes muito próximos ao tema de suas cartas e alguns com caráter jocoso: tais como: Abraham Froth (Espuma); Mary Tuesday (Terça-feira); Philo-Britannicus (Espécie Britânica); Patience Giddy; “Loose paper”.

Passemos à quinta prática de escrita promovida pelo jornal inglês, que é a de incluir outros livros e escritos, publicando-os com comentários ou citando-os como forma de propaganda. O caso mais interessante deste jornal diz respeito à promessa que o Sr. Spectator faz às leitoras de publicar um catálogo de livros indicados para as mulheres. Como demora, várias assinantes o cobram através de cartas entre as quais publica a de Leonora. Nela, a leitora solicita indicação de livros e sua sugestão é feita a partir de indicações de livreiros, de maridos e das próprias mulheres que lhes escreveram cartas com sugestões. Entre as indicações, chama a atenção a de Coquetilla que lhe implora não indicar títulos nos quais se encontram:

mulheres de joelhos com manuais de devoção, nem em queimar seus rostos com livros de dona de casa. Florella deseja saber se há livros escritos contra puritanos e me implora, se houver, para dar-lhes um lugar em minha biblioteca. Peças de todos os tipos têm seus vários defensores: *Tudo por amor* é mencionado nas quinze cartas acima; *Sophonisba*, ou *A queda de Aníbal*, em uma dúzia; *O adultério inocente* também é altamente aprovado; *Mitridates, rei do ponto*, tem muitos amigos; *Alexandre, o grande*, e *Aurengzebe* têm o mesmo número de vozes; mas Teodósio, ou *A força do amor*, o carrega de todos os restos (Addison; Steele, 1711, n. 92, tradução própria).²²

Esse trecho revela ao mesmo tempo o suposto desejo do que as mulheres queriam ler e a possibilidade de ser a propaganda de livros, disponível em algum livreiro de Londres. Sim, a preocupação do jornal com a educação dos seus leitores, como já vimos, era princípio

22 “Coquetilla begs me not to think of nailing Women upon their Knees with Manuals of Devotion, nor of scorching their Faces with Books of Housewifery. Florella desires to know if there are any Books written against Prudes, and intreats me, if there are, to give them a Place in my Library. Plays of all Sorts have their several Advocates: All for Love is mentioned in above fifteen Letters; Sophonisba, or Hannibal’s Overthrow, in a Dozen; The Innocent Adultery is likewise highly approved of; Mithridates King of Pontus has many Friends; Alexander the Great and Aurengzebe have the same Number of Voices; but Theodosius, or The Force of Love. carries it from all the rest”.

do periódico: instruir e deleitar. Contudo, vários são os exemplos que incluem além da propaganda de livros, a tradução e a informação sobre *Elementos da poética*, poesia grega e inglesa, entre os vários assuntos abordados. Nesse sentido, compreendemos que todos os escritos, mesmo os de ficção desse período, estavam condicionados por padrões e restrições de leitura, concebendo os destinatários e instituindo o modo adequado de ler (Hansen, 1997).

Ademais, percebemos como o periódico executou a máxima de Horácio de “Instruir e Deleitar” ao utilizar o espaço do jornal para a publicação da literatura antiga e da moderna. Para isso, utilizou-se das traduções, algumas dessas apresentadas pelos próprios leitores resumidas e adaptadas nas cartas ao jornal. É possível verificar no jornal inglês aquilo que Márcia Abreu (2023) observou na tradição cultural francesa e portuguesa: o nascimento da opinião pública, motivado pelas novas práticas de leitura e de escrita aqui mencionadas: “A opinião pública atenuava o poder dos retores que estabeleciam as “corretas” maneiras de ler e de imitar os clássicos, que agora eram copiados, imitados, recortados e parafraseados em inúmeros suportes como os jornais, *chapbooks*, *nouvelles à la main* e, até mesmo, pela difusão de livros clandestinos” (Abreu, 2003, p. 17).

Quando no século passado a RMC criou a possibilidade de que qualquer pessoa tivesse seu espaço de escrita, sobremaneira com o uso do *blog*, no século XVIII, o suporte jornal abriu espaço para que pessoas comuns tivessem seus escritos publicados. O processo moderno instaurado pelo *The Spectator* consistiu em incluir o leitor também como autor. Conforme Pallares-Burke (1995, p. 118, grifos próprios):

Desde o seu primeiro número, quando são publicadas as duas primeiras cartas, até seu último número, quando, muito significativamente, as últimas palavras são do leitor e para o leitor, este se mostra presente e ouvido. Quer pela publicação de suas cartas ou pelas alusões a elas, *ele se constitui como um componente central do jornal* – como o que é, em grande medida, o responsável pelo preenchimento do espaço do *Spectator*.

Tal qual observamos nos dias atuais, o fato de a escrita na RMC ser uma prática que não exige do “escritor” um saber específico e regrado, também no século XVIII, o declínio do ensino do latim e a vulgarização da língua inglesa, o suporte jornal (Mckenzie, 2004) possibilitou ouvir pela primeira vez a voz de um público até então desconhecido.

Conclusão

Concluindo, tomamos o conceito de “fórmula editorial”, criado por Chartier (2004, p. 261), que designa o modo como livros e a cultura escrita se fez circular em folhetos “livros baratos impressos em grande quantidade e vendidos por ambulantes”. O autor chama a atenção para o fato de esta fórmula não ter sido prerrogativa do mercado editorial da França e que esteve presente também na Inglaterra e na Espanha. Os livros barateados, na forma de folhetos, multiplicaram o número de leitores e tiveram ampla circulação. Ora, considerando os modos como *The Spectator* se apropriou de uma literatura originalmente destinada às camadas letradas, com poder de comprar livros e, tendo em vista como a adaptou, a traduziu e a adequou ao suporte jornal, modificando a destinação dos seus leitores, temos que os seus editores Joseph Addison e Richard Steele criaram uma “fórmula editorial”.

Do mesmo modo, esperamos ter demonstrado como *The Spectator* influenciou os modos de escrita do jornalismo brasileiro e de outras partes da Europa dos séculos XVIII e XIX e como esta escrita se aproxima do que atualmente é praticado na RMC. Uma pesquisa em jornais portugueses, brasileiros, ingleses, e alguns americanos, demonstra que a maior aproximação da cultura escrita em periódicos com a atualidade diz respeito à criação de novos gêneros, à participação dos leitores e à circulação destes escritos. Dito isso, concluímos que, embora a França fosse o país cuja literatura e cultura eram predominantes no século XIX, a escrita em periódicos do período não obedecia a um centro do qual partiam modos de ler e de escrever.

Por fim, não cabe nos limites deste ensaio analisar o motivo pelo qual o jornal inglês foi tão imitado, copiado, adaptado e traduzido até final do século XIX na Europa e na América. Com efeito, ainda está por se fazer uma história da literatura e do jornalismo brasileiros do século XIX que considere, identifique e analise o papel deste periódico na escrita de escritores e escritoras jornalistas.

Referências

ABREU, Márcia. Letras, belas-letras, boas letras. In: BOLOGNINI, Carmen Zink (org.). *História da literatura: o discurso fundador*. Campinas: Mercado de Letras, Associação de Leitura do Brasil (ALB); São Paulo: Fapesp, 2003. p. 11-70.

ADDISON, Joseph; STEELE, Sir Richard. The Project Gutenberg eBook of The Spectator, Volumes 1, 2 and 3. *The Spectator*. 1711-1712. Disponível em: <https://www.gutenberg.org/cache/epub/12030/pg12030-images.html>. Acesso em: 03 jun. 2025

BLAKE, Sacramento. *Dicionário bibliográfico brasileiro*. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1970, v. 3.

BOND, Donald F. Joseph Addison. In: ENCICLOPÉDIA Britânica. Illinois: Encyclopedia Britannica, Inc., 2026. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Joseph-Addison>. Acesso em: 17 jun. 2025.

CEIA, Carlos (coord.). *E-Dicionário de termos literários*. [S. l.]: [s. n.], c2018. Disponível em: <https://edtl.fcsh.unl.pt/>. Acesso em: 12 maio 2025.

CHARTIER, Roger. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Tradução de Mary Del Priore. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

CHARTIER, Roger. *Cardenio entre Cervantes e Shakespeare. A história de uma peça perdida*. Tradução de Edmir Missio. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

CHARTIER, Roger. Os livros azuis. In: CHARTIER, Roger. *Leitoras e leitores na França do Antigo Regime*. Tradução de Álvaro Lorencini. São Paulo: Editora Unesp, 2004. p. 261 -285.

CONWAY, Christopher. Letras combatientes: gênero epistolar y modernidade en la Gaceta de Caracas, 1808 – 1822. *Revista Iberoamericana*, Arlington, v. 72, n. 214, p. 77-91, jan./mar. 2006. DOI: <https://doi.org/10.5195/reviberoamer.2006.62>.

D' ARNAUD. *Le sire de Créqui. Nouvelles Historiques. Tome Premier*. Paris: Delalain Libraire, 1776. E-book. Disponível em: https://books.google.co.jp/books?id=FuFAAAAQAAJ&printsec=frontcover&hl=p-t-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false. Acesso em: 06 jun. 2025.

DON Juan. In: WIKIPÉDIA. São Francisco: Wipedia Foundation, 2025. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Don_Juan. Acesso em: 06 jun. 2025.

FARIAS, Virna Lúcia Cunha de. *Machado de Assis na imprensa do século XIX: práticas, leitores e leituras*. Rio de Janeiro: Paco Editorial, 2016.

GENT, John Hill. *The Young Secretary's Guide*. Londres: N. Rhodes, 1719. *E-book*. Disponível em: https://www.google.com.br/books/edition/The_young_secretary_s_guide_or_A_speedy/cppcAAAAcAA-J?hl=pt-BR&gbpv=1&dq=the+young+secretary%27s+guide&printsec=frontcover. Acesso em: 06 jun. 2025.

GRANJA, Lúcia. *Machado de Assis – antes do livro, o jornal: suporte, mídia e ficção*. São Paulo: Editora Unesp, 2018. *E-book*. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/cbysw/pdf/granja-9788595462816.pdf>. Acesso em: 28 maio 2025.

HANSEN, João Adolfo. Prefácio. In: FURTADO, Joaci Pereira. *Uma república de leitores: história e memória na recepção das Cartas chilenas (1845-1989)*. São Paulo: Hucitec, 1997. p. 11-20.

HOMENAGENS. In: RECANTO das letras. Sorocaba: Recanto das Letras, c2026. Disponível em: <https://www.recantodasletras.com.br/homenagens/>. Acesso em: 28 maio 2025.

HUNT, F. Knight. *The Fourth Estate: Contributions Towards a History of Newspapers, and the Liberty of the Press*. London: David Bogue, 1850. *E-book*. Disponível em: <http://books.google.com.br/>. Acesso em: 28 maio 2025.

LAUSBERG, Heinrich. *Elementos de retórica literária*. 2. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1972.

LEÓN, Laila Luna Liano de. As gravuras moralizantes de Hogarth: polidez e civilidade na Inglaterra setecentista. *Dia-Logos: Revista Discente da Pós-Graduação em História*, Rio de Janeiro, n. 7, p. 130-142, nov. 2013. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/dia-logos/article/view/23285>. Acesso em: maio 2025.

LIMA SOBRINHO, Barbosa. *Os precursores do conto no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1960.

LISBOA, João Luís. Gazetas feitas à mão. In: LISBOA, João Luís; MIRANDA, Tiago C. P. dos Reis; OLIVAL, Fernanda. *Gazetas manuscritas da Biblioteca Pública de Évora*. v. I, 1729-1731. Lisboa: Edições Colibri, 2002.

MCKENZIE, D. F. Bibliography and the Sociology of Texts. In: MCKENZIE, D. F. *Bibliography and the Sociology of Texts*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

MEYER, Marlyse. Um fenômeno poliédrico: o romance folhetim francês do século XIX. *Revista da Abralic*, [s. l.], v. 2, n. 2, p. 123-135, 1994. Disponível em: <https://revista.abralic.org.br/index.php/revista/article/view/25/26>. Acesso em: 13 maio 2025.

MUTTER, Reginald P. C. Sir Richard Steele. In: ENCICLOPÉDIA Britânica. Illinois: Encyclopedia Britannica, Inc., c2026. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Richard-Steele>. Acesso em 17 jun. 2025.

PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. Um espectador nos trópicos. In: PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. *Nísia Floresta, o Carapuceiro e outros ensaios de tradução cultural*. São Paulo: Hucitec, 1996.

PILLA, Maria Cecília Barreto Amorim. Manuais de civilidade, modelos de civilização. *História em Revista*, [s. l.], v. 9, n. 9, [n. p.], jul. 2003. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/HistRev/article/view/11719>. Acesso em: 26 maio 2025.

REGINA, Thiago. O que é Fanfic (Fanfiction): guia completo sobre o gênero. In: VISEU. Duque de Caxias: Editora Viseu Ltda., 2025. Disponível em <https://editoraviseu.com/blog/fanfic-o-que-e-como-utilizar-seus-insights/>. Acesso em: 15 jun. 2025.

SANTOS, Josy Kelly Cassimiro Rodrigues. *As cartas em O Carapuceiro (1832–1842) e The Spectator (1711-1712)*. Orientadora: Socorro de Fátima Pacífico Barbosa. 2013. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Letras Português) – Letras Clássicas e Vernáculas, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/3105>. Acesso em: 25 jun. 2025.

SILVA, Jorge Bastos da. Nas raízes do jornalismo literário: números escolhidos de *The Spectator* (Londres, 1711-1714). Seleção, Tradução e Aparato Crítico. *Cadernos de Literatura Comparada*, [s. l.], n. 44, p. 13-36, jun. 2021. DOI: <https://doi.org/10.21747/2183-2242/cad44a1>.

THE NEW London Magazine; Being an Universal and Complete Monthly Repository of Knowledge, Instruction, and Entertainment, London, feb. 1786. Imagem fac-similada. Disponível em: https://archive.org/details/sim_new-london-magazine_1786-02_2_9/page/59/mode/1up. Acesso em: 28 maio 2025.

THE SPECTATOR British Periodical [1711-1712]. In: ENCICLOPÉDIA Britânica. Illinois: Encyclopedia Britannica, Inc., 2025. Disponível em <https://www.britannica.com/topic/The-Spectator-British-periodical-1711-1712>. Acesso em: 07 jun. 2025.

THE SPECTATOR Project: A Hypermedia Research Archive of Eighteenth-Century Periodicals. In: WAYBACK Machine. New Brunswick: Center for Electronic Texts in the Humanities, 2013. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20130205142204/http://web.archive.org/web/20100126072947/http://tabula.rutgers.edu/spectator/project.html>. Acesso em: 26 maio 2025.

THE SPECTATOR, Number 85, jun. 1711. In: WIKIMEDIA. San Francisco: Wikipedia Foundation, 2007. Imagem fac-similada. Disponível em: <https://en.wikipedia.org/wiki/File:Spectator.jpg>. Acesso em: maio 2025.

VIEIRA, Padre António. O amor fino. In: CITADOR. [S. l.]: Citador, c2025. Disponível em: <https://www.citador.pt/textos/o-amor-fino-antonio-vieira>. Acesso em: 28 maio 2025.

WATT, Ian. *A ascensão do romance*. Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.